

LIMA, Wlad IMPLICANTES E IMPLICADAS: QUEM SÃO OS PESQUISADORES? Belém do Pará. Professora-pesquisadora da Escola de Teatro e Dança do ICA e do Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte – ICA: Universidade Federal do Pará \ UFPA. Estágio de Pós-doutoramento no Programa Doutoral em Estudos Culturais das Universidades de Aveiro e Minho \ Portugal e Bolsista da CAPES. Artista-articuladora da Rede Teatro d@ Floresta. Atriz: diretora: cenógrafa: dramaturga. gordawlad@yahoo.com.br

Resumo

O artigo apresenta de forma sintética as bioculturografias dos primeiros pesquisadores (os implicantes) e de suas escrituras (as implicadas) do Programa Doutoral em Estudos Culturais das Universidades de Aveiro e Minho em Portugal. A autora dessa cartografia é uma artista-pesquisadora amazônica, mais localmente, da cidade de Belém do Pará, parte oriental da Amazônia Brasileira, que se encontra, atualmente, no agenciamento (no entre) provocado e provocando uma espécie de pesquisa-intervenção na gnose dessa fabulação (a falível relação sujeito\objeto). A metodologia proposta se configurou como uma **Cartografia Inventiva** baseada, pontualmente, pelas *Quatro Variedades de Visão do Cartógrafo* de Virgínia Kastrup balizada por conexões intermitentes com as séries conceituais que compõem o rizoma e a fabulação de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Palavras-chave: teatro; cartografia inventiva; gnose; implicantes; implicadas; estudos culturais.

Como artista-pesquisadora de teatro que sou me visto como uma cartógrafa - entre tantas *personas in pele* passíveis de serem assumidas. É essa máscara epistemológica que organiza a construção metodológica na empiria da pesquisa, na habitação do *locus*, na compreensão dos sujeitos e na ativação de minha problematização investigativa:

Como são ELES?

ELES! Eles quem?

Como são os primeiros doutorandos em Estudos Culturais das Universidades de Aveiro e Minho?

Como são esses que ensaiam para serem doutores?

Processei minha construção metodológica em quatro variedades de atenção DE Kastrup: o **rastreio** que implicou saber quem estava inscrito no doutoramento referente a primeira turma (2010), onde moravam, como me comunicar com eles e qual seria a disponibilidade de participarem da pesquisa, via entrevistas, i. e. fiz um *“um gesto de varredura do campo. Pode-se dizer que a atenção que rastreia visa uma espécie de meta ou alvo móvel. Para o cartógrafo o importante é a localização de pistas, de signos de processualidade.”* (KASTRUP, 2011, pág. 40); o **toque** significou encontrar-me com eles em cada lugar que eles concordassem em me receber: ora no trabalho, em um café de sua cidade, mas nunca em suas casas. Alguns preferiram vir até mim e concordaram em virem a minha casa, i.e. abrir margem para algo ganhasse *“importância no desenvolvimento de uma pesquisa de campo revela[ando] que esta possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado.”* (KASTRUP, 2011, pág. 43); o **pouso** será um debruçar sobre os depoimentos de cada um. Organizar os dados por bloco de sensações, revelando seus afectos e perceptos em fabulação constante, i.e., o *“gesto que indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura. A atenção muda de escala”* (KASTRUP, 2011, pág. 43); e o **reconhecimento atento** trará a pesquisa uma escrita implicada na vida vivida em os doutorandos portugueses na contemporaneidade dos Estudos Culturais , i. e. *“o que fazemos quando somos atraídos por algo que obriga o pouso da atenção e exige a reconfiguração do território da observação? Se perguntamos “o que é isto?, saímos da suspensão e retornamos ao regime da reconhecimento”* (KASTRUP, 2011, pág. 44). Perguntamos então: como são eles? Como pesquisam? Como vivem essa aventura heróica que é ensaiar para ser doutor?

Aventura heróica? De que heróis, estou a falar?

Para esta comunicação aprofundo o segundo movimento, o **toque**, que no viver dessa pesquisa significou considerar o doutoramento como uma aventura heroica e os doutorandos e doutorandas, como heróis e heroínas. Ir ao encontro de cada um dos sujeitos ensaiantes (28 doutorandos entrevistados de um *corpus* de 40) e com cada um deles, viver entre-vistas aventurosa. Sim, assumidamente assim, escrevo **entre-vistas**! Pesquisar no entre de nossos modos de pensamentos.

Para as nossas entre-vistas, foram tramadas por mim, perguntas disparadoras. Considerei o contexto utópico do doutoramento como uma aventura heroica, i.e., cada um como heróis e heroínas de uma aventura do conhecimento, porque o meu **toque** estava totalmente sob as influências de Joseph Campbell, mitólogo estadunidense que reconstruiu o que seriam as etapas da trajetória do Herói. Não somente a partir da base grega, mas expoentes em diferentes mitologias culturais. A obra de Joseph Campbell inspiradora é o livro chamado *O herói de mil faces*. Publicada em 1949, defende a tese de que em todas as histórias, existe um herói e que a narrativa gira em torno de suas peripécias. Uma estrutura de eventos que demonstra que o herói passa por doze etapas.

Para a minha pesquisa atual desenvolvi um roteiro análogo ao de Campbell, adaptando-o a realidade estudada - e ao meu universo artístico\cultural de base, o teatro - na perspectiva de construir o que aqui denomino de *bioculturografia*. Sigo apenas algumas etapas narrativas propostas por Campbell, mas suficientes para o foco em questão – o exercício de se fazer doutor em Estudos Culturais.

Etapas propostas para o objeto em questão:

– **O Cotidiano**: O herói é apresentado em seu dia-a-dia. O seu espaço de sua nascença e os habitantes desses espaços. Sua trajetória de vida e de formação.

– **Chamado à aventura**: A rotina do herói precisa ser quebrada por algo. O peito de nosso herói clama, seja utópica ou materialmente, por alguma coisa. Como e porque ele decide se inscrever no doutoramento, suas expectativas.

– **Recusa ao chamado:** Mesmo sentido o chamado, o herói talvez prefira continuar sua vida como está, ou já intui o que o espera e pensa: tenho forças para o enfrentamento?

– **Travessia do Portão Férreo:** O ingressar do herói num novo mundo, o programa de Estudos Culturais. O encontro com a turma, os conteúdos, os docentes, a organização do curso etc.

– **Testes, aliados e inimigos:** Os heróis enfrentam os primeiros e pequenos testes (tarefas das disciplinas) e enfrentam o grande teste (a preparação do projeto de pesquisa a ser defendido publicamente - seus objetivos, metodologia, referenciais teóricos etc.). Há uma observação importante a ser feita: no fim dessa etapa, é possível propor um jogo com o herói-interlocutor, a partir de uma questão importante para Joseph Campbell e para mim: o herói nunca está sozinho numa aventura; quem acompanha o herói; quem são os seus aliados e quem são seus inimigos. Nessa etapa é importante esclarecer para o entrevistado que os personagens que serão convocados à cena podem representar pessoas, coisas, situações, dentro ou fora de cada um. Os personagens são: o mentor, o guardião, os aliados, o vira-casaca, o inimigo, os adversários, o bufão e o vilão. O entrevistador seguindo esse roteiro poderá perguntar: quem é o seu mentor no doutoramento? Quem faz o papel de guardião para você enquanto você faz o doutoramento? Quem são seus aliados... E assim por diante.

– **A Caverna profunda:** O herói se retira do mundo cotidiano. Ele está só. É hora de organizar as armas, pensar estratégias, construir táticas. É hora de encontrar as publicações mais atualizadas na vizinhança de seu tema, objeto; é hora de ler muito, fazer escolhas conceituais, ganhar sentidos; é hora de encontrar referenciais metodológicos, preparar os instrumentos de pesquisa, ir a campo, enfrentar seus sujeitos; é hora de ter um vislumbamento de processos de organização de dados e análise. A escrita está perto, mas ainda não está. Mas precisa ser ensaiada a cada passo.

– **Provação máxima:** O herói tão cheio de ideias agora precisa escrever, enfrentar a folha em branco, a tela do computador. Precisa rabiscar e

compartilhar a escrita com o (a) seu (sua) orientador (a). É preciso, não tem como fugir, o tempo urge.

– **Conquista da recompensa:** Após concluir a escrita, obter a aprovação da orientação, o herói se prepara e faz sua defesa pública. Há a recompensa do descanso após batalha. A tese está concluída e o herói pode voltar a vida do dia-a-dia. Vitória!

– **Caminho de volta \ a transformação:** O herói volta transformado. Agora ele comunica seus feitos, encontra seus ouvintes. Poderá preparar os outros para as aventuras heroicas.

Para concluir, gostaria de afirmar que essa metodologia de organizar as entrevistas por blocos de fabricação de dados, facilita etapas posteriores de pesquisa (organização de dados e análises dos mesmos). Comunicar esse procedimento metodológico, que foi fundamental em meu processo empírico, é contribuir para o desenvolvimento acadêmico da cultura e da arte e para a dimensão da criação, do ficcionalizar a vida dos sujeitos do conhecimento, criadores dos mundos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

BAPTISTA, Maria Manoel (org.) *Cultura: metodologias e investigações*. Aveiro \ Portugal; Ver-o-Verso, 2009.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço Reis,

Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Editora Pensamento-Cutrix, 1995.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e Subjetividade: Ensaio sobre a Natureza Humana*

segundo Hume. São Paulo: Ed. 34, 2001.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

ESCOSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo. *Pistas do Método da Cartografia*; Porto Alegre; Editora Sulina, 2010.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Trad. Tomaz. T. da Silva e

Guacira Louro. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1998.

THEÓPHILO, Carlos Renato. *Uma abordagem epistemológica da pesquisa em Contabilidade*. São Paulo, 2000. 131p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de

Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

ZAMBONI, Sílvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. São Paulo,

1988.